

BOLETIM E

boletim informativo do ime usp

produção do centro acadêmico da matemática, estatística e computação | abril.2024

Mas isto até eu faço!

Uma discussão sobre a natureza da Matemática, das exatas e das ciências.

página 2

Do uso do banheiro

Tutorial de como utilizar banheiros em forma de uma paródia satírica.

página 3

Uma confissão presumivelmente desnecessária

Relato sobre como é estar no ambiente universitário sendo autista.

página 4

A solidude nas Matemáticas

Uma reflexão sobre como as Matemáticas - e exatas como um todo - pode alienar dos seus estudantes de experiências e vontades, trazendo um questionamento ao final.

página 6

Seção esportes

Inaugurando um novo espaço para escrita e envio de textos relacionados ao esporte. Nesta edição, temos o texto **IME Wolves se classifica para os playoffs da Ignis Cup**, por Guelfi.

página 7

Seção de repasses

Nessa edição temos dois repasses: Comissão de Cultura e Extensão, Comissão de Graduação

página 8 - 9

Carta ao ministério da saúde pela vacina atualizada

Uma carta pública ao Ministério da Saúde para exigir a compra de vacinas atualizadas para Covid

página 9

Seção poesia

Nova seção dedicada à literatura poética. Nesta edição, estreia-se com Trem de Ferro, de Manuel Bandeira; e Discurso ou Revólver, por Facção Central.

página 10 - 12

sessões CinIME de maio

CORAÇÃO VERMELHO

Mais informações na [página 2](#)

Matenha-se atualizado via
nosso Instagram [@camat.usp](#)

Escreva sobre absolutamente tudo da USP, desde observações políticas, frustrações e alegrias com seu instituto, ou até mesmo o seu dia-a-dia como estudante da USP.



Mas isto até eu faço!

por anônimo

O texto a seguir foi enviado via o forms de contato do BoletIME e não necessariamente condiz com a opinião do corpo editorial

Até meados do século XVIII, prevaleceu uma crença incrustada nas pessoas que ousavam dedicar parte do seu tempo à Arte: buscar um propósito utilitário para o seu fazer. Os poetas escreviam para os jornais ou participavam de competições em busca de compensações. Os pintores e escultores usavam suas habilidades para retratar com máxima verossimilhança uma cena escolhida por seus mecenas. A dança, tal qual o teatro, devia, obrigatoriamente, gerar entretenimento ao público. Quanto à arquitetura, por fim, não é difícil enxergar seu fim utilitário. A arte não era um fazer que terminava em si, a Arte era um ofício, um trabalho, e, portanto, estava sujeita ao capital e suas consequências ideológicas.

A criação da câmera, no contexto artístico, foi uma onda de abalou todos os campos das artes plásticas. O que seria dos artistas se um dispositivo capturasse a realidade com maior perfeição e que o fizesse muito mais rápido? É nesse conturbado contexto que surge o Modernismo. Cansados de verem a mesma Arte sendo produzida e reproduzida, os artistas, em diversos países da Europa, decidiram produzir novos paradigmas (ou axiomas).

O Dadaísmo foi a mais revolucionária vanguarda artística desde o seu nascimento. Foi no Cabaré Voltaire onde os artistas (não apenas plásticos) propuseram-se a contrariar a lógica e a razão por trás da arte burguesa. É difícil encontrar características que unam as obras dadaístas, pois o movimento tinha como objetivo pasmar o público sem um meio específico. É em todo esse, para dizer o mínimo, caótico, contexto que surge Marcel Duchamp, um escultor, pintor e poeta francês que é comumente tratado como o representante do Dadaísmo. Neste texto, vale destacar uma de suas obras mais famosas: Roda de Bicicleta (1951). Materialmente, a obra não passa de uma roda de bicicleta fixada em um banco de madeira qualquer, não são de nenhuma marca especial e tampouco passaram por um processo especial de manufatura.

Objetivamente, a Roda de Bicicleta é INÚTIL. Não passa de

um desperdício de materiais, poderia ter sido feita por qualquer pessoa e ainda ousa exibir o seu status de arte. Neste momento, você, leitor, deve ter três perguntas em mente: “Por que você dedicou três parágrafos para uma coisa tão inútil”, “O que isso tem a ver com matemática?” e “Por que estou lendo sobre Arte numa revista do IME?”. Se não estava, agora deve estar e, por sorte, terá respostas!

Aproveitando o embalo do texto de Vladimir Igorevich Arnold, trazido no 9º BoletIME, sobre as diferenças entre a Matemática pura e a aplicada, a grande ideia que quero convencê-lo é que a Matemática pura não é diferente da Arte. A pura, como chamam os íntimos, não deve ter uma utilidade. Quantas vezes não nos demonstraram que $\sqrt{2}$ é irracional? Sabemos que é um processo simples, assim como é simples prender uma roda de bicicleta em um banco, mas foi somente Duchamp quem fez isso pela primeira vez. Mesmo que qualquer pessoa pudesse reproduzir o fato, o seu valor está na genialidade de quem o fez pela primeira vez.

Adiciono, ainda, que a Matemática, tal qual a Arte, possui um fator fundamental: a realidade precede-as, por mais distantes que os dois possam ser da realidade, mas não as limita. Não há números na natureza, mas ainda assim a humanidade foi capaz de criar a teoria dos números. O Abaporu jamais foi visto em qualquer lugar, por mais remoto que seja, mas ainda assim Tarsila do Amaral foi capaz de retratá-lo. A analogia máxima que fica aqui é que os dois objetos não precisam e não podem depender da realidade para existirem e terem seu valor.

Compreendido que a Arte pode não estar tão distante da Matemática, ousar utilizar da indução finita para introduzir mais um questionamento: as ciências exatas estão tão distantes das ciências humanas?

Em primeiro lugar, é crucial lembrar que a Arte não é uma ciência humana e a Matemática não é uma ciência exata! Apesar de compartilharem muitas características. Ademais, também é importante retomarmos a origem das duas ciências: a filosofia.

Eu entendo que, num instituto de Matemática e Estatística (e Ciência da Computação), ousar falar de arte é um pecado capital. Todavia, espero que este texto tenha servido como ponto de partida para um debate sobre esse maniqueísmo que tem ocorrido nas diversas áreas do conhecimento. Pensem nos benefícios existentes numa maior integração

entre os diversos cursos disponibilizados na USP. A Estatística já começou com um pé na frente nessa corrida, afinal de contas, é a menos exata das ciências exatas!

Finalmente, deste ponto em diante, deixo a demonstração a cargo do leitor, ou seja, esperarei a opinião de vocês sobre os temas levantados nesse texto, assim como uma resposta para a pergunta sobre as ciências exatas e humanas.

Do uso do banheiro

por anônimo

O texto a seguir foi enviado via o forms de contato do BoletIME e não necessariamente condiz com a opinião do corpo editorial

Um "banheiro" pode ser definido como o local dotado de equipamentos sanitários que permite realizar as necessidades fisiológicas e a higiene pessoal. Em muitos lugares, ainda, o banheiro é dividido em masculino e feminino. Masculino e feminino é uma divisão dicotômica e incompleta, mas socialmente aceita para seres humanos. Os seres humanos são animais mamíferos, bípedes, que se distinguem de outros mamíferos como gatos e bípedes como galinhas principalmente por duas características: o telencéfalo altamente desenvolvido e o polegar opositor. De maneira geral, eles costumam viver em sociedade. Uma sociedade é um agrupado de seres que convivem em um determinado período de tempo e espaço em um estado de colaboração mútua com um senso de coletividade.

O telencéfalo altamente desenvolvido, por sua vez, permite aos seres humanos uma capacidade extraordinária de captar, armazenar, processar e relacionar informações. Enquanto isso, o polegar opositor permite o movimento de pinça dos dedos, que permite a execução de tarefas de precisão. O telencéfalo altamente desenvolvido combinado com o movimento de pinça dos dedos permitiu aos seres humanos a construção de uma miríade de infraestruturas para as suas sociedades. Uma dessas infraestruturas é o banheiro, local dotado de equipamentos sanitários que permite realizar as necessidades fisiológicas e a higiene pessoal, com primeiros registros dessa infraestrutura em 3000 A.C.

Diferentemente dos gatos domésticos, que utilizam caixas de areia para as suas necessidades, os seres humanos usam um tipo de equipamento sanitário chamado de vaso sanitário. Um vaso sanitário - coloquialmente chamado de privada - é um objeto utilizado para satisfazer as necessidades fisiológicas do ser humano, que possui telencéfalo altamente desenvolvido e polegar opositor. O seu funcionamento é bastante simples: o vaso retém uma quantia de água, que, ao efetuar o ato da descarga - ou seja, liberação de uma quantidade controlada de água -, leva os

sessões de maio

CORAÇÃO VERMELHO

+ debate "São Paulo, cidade hostil"

03/05
Parasita (2019), Bong Joon Ho

10/05
Hiroshima, Meu Amor (1959), Alain Resnais

17/05
Infiltrado na Klan (2018), Spike Lee

24/05
São Paulo S/A (1965), Luís Sérgio Person

31/05
O Primeiro Slam Dunk (2022), Takehiko Inoue

SALA B05 ÀS 16H

dejetos através de um sifão, terminando no esgoto. Um sifão é um dispositivo hídrico em formato de S com intuito de prender uma quantidade específica de água a fim de evitar que o cheiro desagradável do esgoto volte para o banheiro; um esgoto é o local onde os dejetos de banheiros são levados para centrais de tratamento.

No esgoto proliferam todo tipo de bactérias e patógenos, que, por sua vez, causam doenças. As doenças afetam o bem-estar e o bom funcionamento dos seres humanos. Mesmo quando não causam doenças, podem cheirar mal. O cheiro é uma sensação que animais como seres humanos, gatos e galinhas possuem em resposta aos estímulos químicos do meio captados pelos quimiorreceptores dos seus narizes. Certos componentes causam sensação de bem-estar, como perfumes, enquanto outros causam mal-estar, como o cheiro de esgoto.

Portanto, para que uma sociedade de seres humanos possa funcionar, é necessário que sejam diminuídas as sensações de mal-estar que cada um dos seres humanos causa nos demais seres humanos. Portanto, um ambiente não pode estar com mal-cheiro como de esgotos. Para isso, todo ser humano com telencéfalo altamente desenvolvido e polegar opositor deve fazer o uso correto do vaso sanitário - ou privada - dando a descarga após o uso; que não deve ser difícil para um ser humano, já que a capacidade extraordinária de captar, armazenar, processar e relacionar informações do seu telencéfalo altamente desenvolvido entende que o sifão - dispositivo hídrica em formato de S com intuito de evitar que o cheiro desagradável do esgoto volte para o banheiro - não funciona se a fonte do cheiro estiver antes do sifão e o seu polegar opositor mais do que é o suficiente para apertar o botão da descarga. Para tal, foi preparado um manual de instruções para o bom uso e da preservação do espaço de banheiros, que deve ser facilmente compreendido dado telencéfalo altamente desenvolvido do leitor:

- Levante a tampa do vaso sanitário. Caso convém, levante o assento também;
- Retirar/baixar qualquer peça de roupa que possa porventura impedir a satisfação das necessidades fisiológicas do momento;
- Realize as suas necessidades fisiológicas dentro do vaso sanitário;
- Ao terminar, limpe a si mesmo com papel higiênico disponível em cada um dos cubículos;

- Recoloque/levante qualquer peça de roupa que tenha retirado ou baixado;
- Feche a tampa do vaso sanitário;
- Aperte o botão localizado geralmente acima da caixa d'água do vaso sanitário OU na parede que encosta o vaso sanitário (a depender do modelo);
- Saia do cubículo e lave as mãos.

FIZ UM TWEET NO BOLETIM

Uma confissão presumivelmente desnecessária

por Carlos Marques

O texto a seguir foi enviado via o forms de contato do BoletIME e não necessariamente condiz com a opinião do corpo editorial

Não sei se, a essa altura do campeonato, a confissão do óbvio se faz necessária: uso um determinado cordão característico e participo de um coletivo cujo símbolo, uma raposinha bem fofinha, tem um elemento que também está presente em meu cordão. Mas, a soma do bombardeio de informações sobre um determinado tema bastante comentado neste mês de abril com um desejo antigo meu resultou na inspiração para a escrita dessas palavras e para fazer a dita confissão presumivelmente desnecessária: eu sou uma pessoa autista. É bem verdade que, alguns anos atrás, essas palavras saiam de mim produzindo a mesma sensação que se tem quando se toma um shot com um só gole, mas tal sensação, com o tempo, está se tornando cada vez mais suave. E, se eu consigo falar sobre autismo de

forma cada vez mais confortável, é porque a experiência universitária me deu essa possibilidade. Mas, até trajetória... chegar a esse ponto de minha vida, percorri uma longa.

Ao contrário de uma louvável tendência atual, meu diagnóstico veio cedo, no longínquo 2005, aos meus 8 anos de idade, numa época em que pouco se falava sobre autismo. Depois de tanto tempo, era a resposta que minha família procurava para explicar minhas esquisitices: ficava vidrado vendo a máquina de lavar centrifugar roupa, rodava tudo o que via pela frente, surtava quando não escreviam o meu nome com a cor azul, vivia fazendo aquilo que hoje chamamos de stims ou estereotípias. . . E, mesmo com tudo isso, eu era tido como uma criança extremamente inteligente (uma fake news na qual muita gente cai até hoje). Talvez por conta disso, não precisei de uma intervenção clínica mais intensa. Evidente que sofri bullying e abusos na escola: pela falta de traquejo social, não percebia que se aproveitavam bastante de mim, mas, aos trancos e barrancos, sobrevivi à escola, conservando a fama de aluno brilhante (desde aquela época, as fake news se propagam com velocidade rápida). Não sei se tinha mais algum outro aluno autista nas escolas em que passei. O que sei é que, por muito tempo, nunca tive contato com outras pessoas autistas, e é possível que isso tenha tido uma interferência significativa na minha não-aceitação.

Como muita gente sabe, tentei, desde 2015, entrar no BCC, e apenas consegui em 2021 (hoje vejo isso como um hiperfoco do qual não me arrependo de ter tido). Os meus primeiros dias (e, por extensão, o meu primeiro ano) como imeano foram felizes e vergonhosos: a vida pandêmica possibilitava o conforto de não precisar abrir a câmera e não mandar áudio e, conseqüentemente, não mostrar o ser esquisitinho que sou. Devem ter pensado que eu era um chatbot e, na verdade, tenho dificuldade de mandar áudio e gravar vídeo de mim mesmo até hoje (inclusive, ainda não consigo ver a gravação da minha dança com minha irmã na festa de debutante dela). Por mais que minha Semana de Recepção tenha sido divina e, por meio dela, eu tenha sido submetido a uma overdose intensa de carinho, ainda tinha fiapos de receio de como me acolheriam e veriam quando todos nós voltássemos para o presencial.

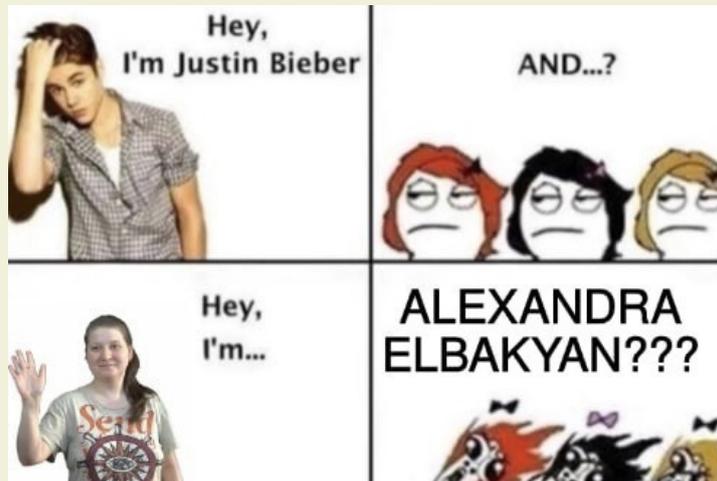
E voltamos, lá em 2022. Certa vez me contaram que, na primeira reunião presencial da Comissão de Recepção depois de tanto tempo, já perceberam que eu era “diferente”. Desde aquela ocasião, daquele primeiro contato presencial com a comunidade imeana, confesso que nunca

passei por uma experiência de bullying ou escrotidão comparável, um motivo de tranquilidade tanto para mim quanto para minha família. Muito pelo contrário: me sinto muito bem acolhido pelas pessoas do IME, e percebo que há uma certa preocupação comigo (bastante evidente nestas últimas semanas, alías). Mesmo assim, ainda faltava realizar um desejo que tinha cada vez mais forte em mim e que sentia que iria me ajudar bastante.

Via com alegria o fato de existir o Coletivo Autista da USP (CAUSP), mas tinha bastante receio de entrar: seria uma atitude que explicitaria ainda mais o óbvio que todo mundo já tinha percebido. Após meses e meses de densas reflexões, resolvi entrar, e, com certeza, foi uma das decisões mais acertadas da minha graduação. O contato com outras pessoas autistas é bastante frutuoso, e, com elas, me sinto em casa, me sinto um irmão, um semelhante. Apenas uma pessoa autista consegue entender, com bastante profundidade, as alegrias e tristezas de uma outra pessoa autista. O CAUSP é um ambiente no qual posso falar com segurança sobre minhas dificuldades e demônios internos, que atormentam a vida de qualquer pessoa autista. Nele, me descubro e redescubro enquanto autista, uma das melhores dádivas que a vida universitária me concedeu. Nele também, tenho contato com reflexões sobre as dificuldades específicas dos autistas na vida universitária, e é surreal pensar que faço parte do longo processo de se tentar mitigar essas dificuldades (as quais, aos poucos, estou descobrindo que também tenho): ajudei a gestar o tal do “Guia sobre autismo para professores e funcionários da USP”, que tem servido de base para a reflexão pedagógica de alguns institutos da universidade. E não esperava aparecer no Jornal da USP justamente em reportagens sobre autismo. São experiências que aquele vestibulando persistente não imaginava que iria viver.

Não posso dizer que estou plenamente satisfeito com o estado atual das coisas: há diversas questões a serem trabalhadas ainda no meu processo de autoaceitação e há presumidas ortodoxias pedagógicas, ainda vistas de modo dogmático no IME-USP, que precisam ser superadas (ou, ao menos, questionadas com mais intensidade), porque sua ineficiência atinge inclusive os neurotípicos. Ainda assim, há centelhas de esperança quando professores chegam em mim preocupados em fazer provas adaptadas ou quando amigos demonstram preocupação com o fato de eu não conseguir suportar ambientes sensorialmente exigentes. Essas centelhas de esperança (que deixam o coração quentinho), somadas à beleza das vivências que tenho

enquanto membro do CAUSP, me fazem um uspiano não apenas feliz, mas cada vez mais disposto a seguir o conselho escrito na minha camiseta do coletivo do qual tenho tanto orgulho de participar: "ame sua mente tanto quanto seu corpo".



A solitude nas Matemáticas

por anônimo

O texto a seguir foi enviado via o forms de contato do BoletIME e não necessariamente condiz com a opinião do corpo editorial

Quando perguntam-nos "o que você faz?" e respondemos falando "Matemática" junto com os seus objetos de estudo, a conversa sempre estagna na conclusão de "tem que ser muito inteligente para entender essas coisas" e não vai para frente. Por vezes, a pessoa pode vir a dizer que odiou Matemática na escola, tornando aquele assunto, novamente, difícil de progredir. Assim, para alguém não familiarizado com a linguagem Matemática, parece não existir uma linha de diálogo por se tratar, de fato, de um campo de estudo de saberes muito especializado. Até mesmo entre as próprias matemáticas e matemáticos, em muitos casos, não existe uma clareza no entender sobre o trabalho do outro por causa dessa hiper-especialização. Descobrimos tanta coisa da Matemática em tantas áreas distintas que se tornou impossível uma pessoa, dentro do razoável, dominar de fato

nem sequer uma fração dela. Agora, assim como outras profissões, é claro que matemáticas e matemáticos não trabalham só para que outros os reconheçam. Tudo que se faz é pelo interesse e paixão que se tem pela Matemática, em busca de algo que cada um julga ser o horizonte imaginativo de um mundo melhor. Mas a falta dessa abertura genuína para o diálogo torna a Matemática solitária por se tratar de um objeto de estudo que confina o universo de saberes dentro da cabeça de cada uma e cada um que trabalha e manipula este objeto.

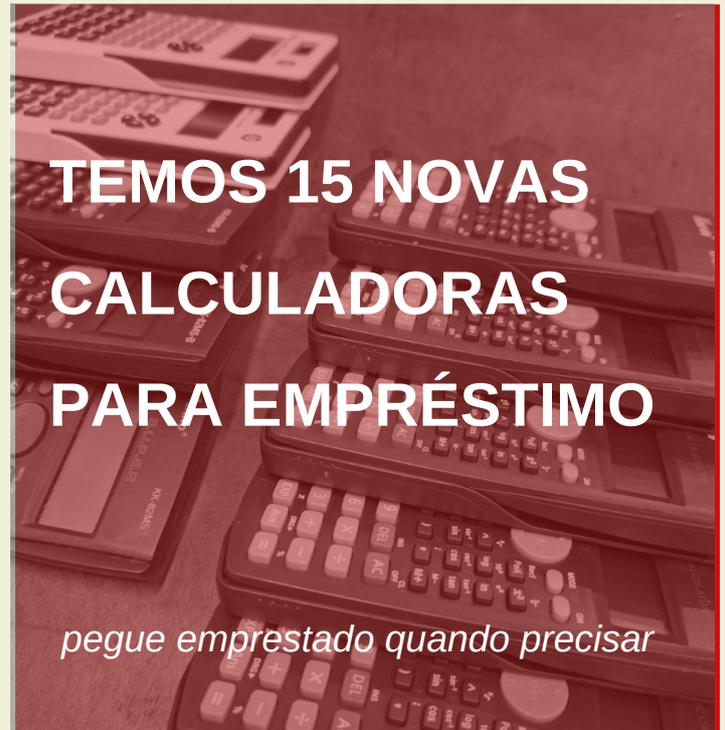
Pela própria natureza do ato corajoso de estudar, é quase como regra que, em algum momento, a pessoa não entenda um teorema, um conceito, ou qualquer coisa que seja. Faz parte da busca pelo conhecimento. Dentro das Matemáticas, no entanto, como consequência da solidão que é a manipulação dos objetos matemáticos serem confinados nas cabeças daqueles que ousaram almejá-los e tentar tocá-los, os seus sofrimentos, também, se confinam dentro das pessoas. Não é raro a percepção auto-depreciativa de "sou burro mesmo para Matemática" ao longo do curso numa lógica de "se todos ao meu redor parecem entender essas coisas dentro da cabeça delas, a única explicação para eu não entender é que sou menos, sou burro". Um talvez poderia argumentar para a pessoa ir atrás de ajuda. Nisso, alguns de fato vão. Mas são muitos outros que, somando todo estigma que se tem pela Matemática tanto daqueles impostos pela realidade maior na qual estamos todos inseridos - como fato da Matemática ser considerada a matéria mais odiada nas escolas - tanto daqueles que surgem dentro dos próprios cursos das Matemáticas, torna a ideia de socializar o aprendizado muito alienante.

Essa alienação, por sua vez, é de certa forma retroalimentada pela própria maneira como se trabalha a Matemática, tanto atualmente quanto historicamente. Quando vamos atrás da história da Matemática, percebemos que a grande maioria dos matemáticos "ocidentais" e também "orientais" eram, de fato, socialmente e financeiramente abastados; era algo da elite, para poucos. Essa percepção não é coincidência. A Matemática exige tempo. A única forma efetiva de aprender sequer uma fração dela é fazendo Matemática. É muito difícil entender e estudá-la quando não se aloca quantidades absurdas de horas, dias e semanas para fazer o exercício da Matemática. Por um, todo tempo que se aloca para a Matemática é o tempo que se desloca do social, da família, do lazer. É algo doloroso de se perceber. Assim, o exercício da Matemática acaba se tornando uma experiência que pode afastar a

matemática e o matemático das pessoas ao seu redor; por outro lado, muitos talvez nem sequer tenham a possibilidade de olhar para essa realidade do tempo que a Matemática demanda. Os acasos da vida exigem, por vezes, que não dediquemos tempo para fazer uma lista ou ler um livro. Não é à toa que historicamente a Matemática parece ser algo da aristocracia. Nisso, a percepção perigosa e errônea de que todos ao seu redor parecem conseguir conciliar a vida e estar fazendo essa lista e lendo o livro, cria um ciclo vicioso de se colocar no lugar de incapaz.

São situações que, de maneiras muito análogas, existem nas outras exatas. As engenharias, assim como a Matemática, também sofrem dessa alienação; o estudo da Física, da Química, também. Porém, algo que diferencia a Matemática de uma maneira muito única é justamente o fato dos objetos que se estudam nela estarem confinados nas nossas cabeças, quase impossibilitados de serem compartilhados. Diferente da Física, das engenharias, da Química, que abrem diálogos diretos com o cotidiano, a Matemática parece ser, nesse sentido, só uma ferramenta que outras exatas utilizam - e que, muitas vezes, é igualmente odiada pelos próprios estudantes dessas outras exatas, numa imagem às suas experiências escolares -. Para um estudante de Física, essa pessoa pode usar do seu conhecimento para expor o princípio dos objetos do cotidiano; um estudante das engenharias pode, por sua vez, relacionar as infraestruturas do dia-a-dia com seu curso; Químicas também. As Matemáticas, porém, se tratam de objetos puramente teóricos: não são um reflexo direto do mundo material. Estes objetos se parecem muito mais como expressões da pura lógica do que de uma "realidade" propriamente dita. E essa natureza abstrata das Matemáticas acaba por afastar, também, aqueles não familiarizados com ela.

Nesse sentido, existe também um movimento inverso das Matemáticas se afastarem das outras áreas - incluindo das outras exatas -. Talvez seja um mecanismo de defesa, mas não é incomum encontrar opiniões que colocam a Matemática como algo superior a todas as outras exatas, quase num movimento esnobista. Isso, também, se reflete até dentro das diversas Matemáticas. Assim, fica o questionamento, talvez, de se esse isolamento, esse esnobismo são algo puramente opinativa dos próprios estudantes, ou se é reflexo de algo maior que define a maneira como o IME e todas as outras faculdades de exatas enxergam os seus próprios cursos, e da ideia maior de "exatas".



SEÇÃO DE ESPORTES

IME Wolves se classifica para os playoffs da Ignis Cup

por Guelfi

Após dois jogos da Goddess Tour, a equipe de LoL inclusivo do IME Wolves garantiu sua vaga nos playoffs da Ignis Cup, o maior campeonato de LoL Inclusivo do Brasil. "É a primeira vez que um time de LoL universitário se classifica para essa etapa da competição", é o que conta Susana, diretora da modalidade no IME. Ela explica a relevância do naípe inclusivo, que é disputado por atletas mulheres e de gêneros não-binários, que tem poucos incentivos no cenário de E-Sports tradicional.

"O cenário inclusivo vem crescendo a cada ano e um de seus objetivos é dar visibilidade às mulheres e não-binários no competitivo de LoL, criando um espaço mais acolhedor para esse público. Isso motivou que surgisse, também, o cenário inclusivo universitário, onde competimos".

A próxima etapa do campeonato acontece em 07/05, o IME Wolves enfrentará a paiN Gaming e os jogos serão transmitidos pelo canal do CBLOL na Twitch. O time de LoL Inclusivo está no Instagram e no Twitter como @imelamb

SEÇÃO DE REPASSES

Comissão de Cultura e Extensão (08/03)

- O presidente da comissão, prof. dr. Eduardo Colli, anuncia esta como sua última reunião como presidente, visto que a eleição da nova comissão estava para acontecer;
- Revisamos e aprovamos a ata da 145ª sessão;
- Homologamos três propostas de curso aprovadas em reuniões passadas e na CoCEX;
- Revisamos a documentação encaminhada para aprovação de duas propostas de AEX, as duas foram aprovadas para discussão na CoCEX/no depto.;
- Revisamos e aprovamos os relatórios encaminhados sobre as AEX em vigor durante o ano de 2023.

Comissão de Graduação (22/04)

Repasse do último CoG:

Foi aprovado no CoG a criação de uma disciplina PRG já para esse semestre, com o objetivo de revisar assuntos de matemática do ensino médio. Um docente do IME está participando da elaboração da ementa, mas apenas uma professora da poli se ofereceu para ministrar. A ideia da pró-reitoria de graduação é que as CGs dos institutos identifiquem alunos ingressantes de exatas e ciências da natureza que estão passando por dificuldades em disciplinas básicas de matemática, como cálculo 1 ou vetores e geometria analítica, e procurem oferecer um trancamento fora de prazo para eles nessas disciplinas, acompanhado da matrícula na matéria PRG. Essa medida visa especialmente os alunos que recebem auxílio PAPFE e tem risco de perder o benefício por critérios de desempenho acadêmico. Uma preocupação foi de que a disciplina será oferecida presencialmente para todo o campus Butantã, e só há uma professora, então talvez o projeto se mostre inviável. Além disso, não há garantias de que o aluno será aprovado nessa disciplina também, o que poderia acarretar na perda do auxílio independente da medida. Também foi ventilada a possibilidade de fazer essa disciplina em uma versão expressa nas férias, com a esperança de que isso ajude aqueles que ficarem de recuperação. Alguma espécie de formulário de diagnóstico deve ser elaborada para entender quais alunos estão passando por mais dificuldades e podem aderir a esse projeto.

Além disso, a pró-reitoria falou sobre a criação de um painel de indicadores estudantil: um sistema para que as CGs dos

institutos possam ter acesso aos dados sistematizados do desempenho acadêmico dos alunos do instituto. Esse tipo de dado pode ser interessante inclusive para entender o cenário de evasão no IME e outros institutos de exatas e ciências da natureza, como os do Baixo Matão.

Sobre o oferecimento de Libras, a Faculdade de Educação continua não oferecendo vagas o suficiente, mas a promessa feita no CoG foi de que com as três novas contratações de professores de Libras (uma para FFLCH, uma para a Faculdade de Educação e uma para a Faculdade de Medicina, que talvez seja para a FOFITO), todos os alunos conseguirão fazer a disciplina a partir de 2025, quando esses professores já estiverem contratados. A CG do IME está buscando soluções para os prováveis formandos de 2024 que ainda não conseguiram fazer libras. A disciplina precisa ser oferecida presencialmente, o que gera uma dificuldade, mas foi levantada a ideia de pedir verba para a pró-reitoria para o oferecimento de um curso de difusão de libras para os prováveis formandos, e a CG reconhecer a equivalência desse curso como disciplina, ou até mesmo liberar os alunos que fizeram esse curso. Nada está definido, mas certamente haverá alguma solução para aqueles que estão prestes a se formar.

Após todas as chamadas, a USP teve uma taxa de preenchimento de vagas de 96,5%.

O CoG deu uma devolutiva sobre o processo em que a reitoria visitou cada unidade, e essas apresentaram ideias sobre como melhorar sua situação. O retorno é de que a reitoria vai liberar verbas para executar os projetos que as unidades propuseram. Unidades que não tiveram propostas muito concretas, com orçamentos explícitos por exemplo, vão ter que elaborar algo. Não está claro se o IME está nesse segundo grupo.

As Atividades de Extensão da curricularização da extensão já começaram a ser cadastradas no sistema Apolo, com mais de 250 atividades cadastradas. O IME só tem uma atividade até o momento. A reitoria quer estimular o cadastro de atividades, mas ressaltou que no caso do IME, as CoCs, a CG e a CCEX cobriram a maior parte das horas dentro de disciplinas que estão na grade.

Pauta:

Aproveitamentos de estudo e requerimentos:

Votamos aproveitamentos de estudos, requerimentos de matrícula e matrículas fora de prazo que apareceram, sem nada de excepcional.

PEC G:

Discutimos sobre o PEC G, um programa do ministério de relações exteriores para oferecer vagas na USP para estudantes internacionais. A reitoria incentiva que os institutos participem desse programa, para promover um certo grau de internacionalização mesmo para estudantes que não participem de intercâmbio acadêmico, mas o IME não adere pelo fato de que o processo seletivo é feito pelo ministério, sem participação do instituto. Os relatos de participação desse programa foram todos muito negativos, nenhuma CoC se posicionou a favor e votamos novamente pela não-adesão. Vale ressaltar que o IME tem editais de intercâmbio administrados pela CRInt, que nos permitem receber alunos internacionais.

Disciplina de atividade de pesquisa internacional:

A CoC do BCC trouxe a situação de alunos que fazem intercâmbios na modalidade de pesquisa, porque diferentemente de outros tipos de intercâmbio, não é possível aproveitar nenhum tipo de crédito dessas atividades, dado que o regimento da USP só prevê esse aproveitamento quando o aluno cursa uma disciplina. Frente a isso, surgiu a ideia de criar uma disciplina interdepartamental do IME, com apenas créditos-trabalho, para os estudantes intercambistas que queiram aproveitar suas atividades de pesquisa e registrá-las no histórico. Mais detalhes sobre essa disciplina ainda serão definidos.

Carta ao ministério da saúde pela vacina atualizada

O texto a seguir é uma carta pública ao Ministério da Saúde para exigir a compra de vacinas atualizadas para Covid e que estas estejam disponíveis para toda a população brasileira.

Entendemos que há diversas pressões de setores do centrão e do mercado sobre o Ministério da Saúde, que tem um dos maiores orçamentos do governo/Estado, mas diante da gravidade dos efeitos que a chamada "Covid Longa" pode causar, é necessário fazer a denúncia e cobrar a compra de vacinas. É por esta razão que o CAMat reproduz e subscreve essa carta no espaço do BoletIME.

Ao Ministério da Saúde

À Excelentíssima Sra. Nísia Trindade Lima
Ministra da Saúde do Brasil

Ao Excelentíssimo Sr. Luiz Inácio Lula da Silva
Presidente da República
Prezados,

Em 31 de outubro de 2023, o Ministério anunciou que apenas determinados grupos prioritários receberiam as vacinas monovalentes atualizadas para a variante XBB do SARS-CoV-2. Imunocompetentes de 5 a 59 anos estariam em definitivo excluídos do calendário vacinal da Covid-19.

Ainda em 2023, as crianças ficaram privadas da dose atualizada da versão infantil da vacina bivalente, tendo de contar apenas com as vacinas produzidas para as cepas originais, que não estão mais em circulação. A vacina mais atual, desenvolvida contra a variante XBB, está disponível para o público do hemisfério norte desde setembro de 2023, com dose de reforço já liberada para a vacinação de idosos nos Estados Unidos desde fevereiro de 2024. A Anvisa apenas aprovou seu uso no Brasil em dezembro e até o momento não temos notícias do início da vacinação, anunciada para março, depois para abril e agora sem previsão. Mesmo ao iniciar, o governo está negociando apenas 12,5 milhões de doses, que cobrem menos de 6% da população do país.

A comunidade científica internacional especializada em Covid converge em destacar os riscos pós-infecção pelo SARS-CoV-2 para toda a população, não apenas para casos graves da fase aguda, nem mesmo apenas para indivíduos que se encaixariam em grupos de risco, e tampouco apenas para os que não teriam o esquema vacinal primário completo. O risco das sequelas a longo prazo das infecções é considerado uma roleta-russa, mas é certo que aumenta com o número de infecções prévias.

As estimativas dos números reais de casos de infecção e de morte feitas pela OMS nos indicam que os dados brasileiros oficiais contam uma história parcial da realidade no país: reporta-se falta de testes em diferentes regiões, inexistem estratégias nacionais para notificação de autotestes, não há coleta de dados sobre pessoas sofrendo com sequelas pós-covid, o rastreamento do vírus em águas residuais foi suspenso no final de 2022, e com a narrativa disseminada coletivamente

de que o vírus não é mais uma preocupação para a saúde pública, enfrentamos uma falta de dados que nos permitam aferir a real circulação do vírus e o real impacto dele na sociedade.

Quase seis meses após o anúncio, em 15 de abril de 2024, não apenas não há vacina atualizada disponível para nenhum brasileiro como não há informação nem previsão de início da campanha. Países como os Estados Unidos, Dinamarca, Japão, Chile e Paraguai já vacinam a população desde o segundo semestre de 2023. O Ministério alega que as vacinas bivalentes protegem igualmente (o que não é verdade), mas cidades como o Rio de Janeiro sinalizam a falta completa de estoque de vacinas bivalentes para Covid.

Diante deste cenário, é vital que a população toda esteja ao menos parcialmente protegida de complicações na fase aguda da infecção por vacinas compatíveis com as variantes em circulação. É inadmissível o total abandono que estamos vivendo em um país reconhecido mundialmente por nossas campanhas de vacinação e por um governo eleito com esta pauta. Na ausência de dados, de medidas não farmacológicas de mitigação, de esclarecimento da população para os riscos das reinfecções e das sequelas pós-infecção, ao menos que haja vacina atualizada para toda a população com urgência, junto a uma campanha de vacinação voltada para a hesitação vacinal e a conscientização de que a covid ainda é uma doença a ser evitada e responsável por inúmeras mortes em nosso país.

Fazemos um apelo para que ouçam os cidadãos interessados em que a vacina atualizada esteja disponível pelo SUS para toda a população e que exigem informações detalhadas e verdadeiras sobre a demora no início da vacinação.

Está carta foi originalmente publicada no seguinte endereço eletrônico e pode ser assinada por qualquer pessoa:

<https://www.qualmascara.com.br/vacinaatualizada>

SEÇÃO DE POESIAS

Trem de Ferro

O poema a seguir foi escrito pelo poeta brasileiro Manuel Bandeira.

Café com pão

Café com pão

Café com pão

Virge Maria que foi isto maquinista?

Agora sim

Café com pão

Agora sim

Voa, fumaça

Corre, cerca

Ai seu foguista

Bota fogo

Na fornalha

Que eu preciso

Muita força

Muita força

Muita força

Oô...

Foge, bicho

Foge, povo

Passa ponte

Passa poste

Passa pasto

Passa boi

Passa boiada

Passa galho

De ingazeira

Debruçada

No riacho

Que vontade

De cantar!

Oô...

Quando me prendero

No canaviá

Cada pé de cana

Era um oficiá

Oô...
 Menina bonita
 Do vestido verde
 Me dá tua boca
 Pra matá minha sede
 Oô...
 Vou mimbora vou mimbora
 Não gosto daqui
 Nasci no Sertão
 Sou de Ouricuri
 Oô...
 Vou depressa
 Vou correndo
 Vou na toda
 Que só levo
 Pouca gente
 Pouca gente
 Pouca gente...

Enigma do BoletIME Resolva e ganhe 1 Trento

A primeira pessoa a apresentar a solução correta do enigma ao lado para o CAMat (seja pelo envio no e-mail ou pessoalmente para algum membro da gestão) ganhará um Trento da lojinha do CAMat.



A árvore de números

Esse enigma é considerado a obra prima de Nob Yoshigahara, um inventor de enigmas japonês

Os números abaixo seguem um padrão específico. Assim que você desvendar a regra, preencha o número que falta. O número sete no círculo final não é um erro de digitação.

Discurso ou Revólver

Música do grupo Facção Central

[Dum Dum]

A igualdade social é só em conto de fadas
 Felicidade é só em sonho, só em mágica
 Acredito na palavra ou na metralhadora
 Revolução verbal ou aterrorizadora
 Vamos queimar a Constituição com coquetel molotov
 Carro-bomba no Congresso, tic-tac e explode
 Ou suplicar pro gambé derrubando sua porta
 Não bater na sua mulher, não atirar nas suas costas
 Até quando comer resto, lavar banheiro?
 Abrir o boy no meio na ilusão de dinheiro?
 Ser exterminado como judeus em Auschwitz
 Mostrar pra Globo o que é viver no limite
 A cruz da Klan tá queimando na sua frente
 A SS agora veste o cinza da PM
 De braço cruzado, é só miolo espalhado no chão
 Discurso ou revólver, tá na hora da revolução!

[refrão]

Tá na hora de parar de mofar no presídio
 De estar no necrotério com uma pá de tiros
 De ser o analfabeto comendo resto
 O viciado que o Denarc manda pro inferno

[Eduardo]

Fizeram da sua rua filial do Vietnã
 Deram rifle pras crianças, estupraram sua irmã
 Exilaram na favela o cidadão na teoria
 Oprimido, censurado no país da democracia
 Te dão crack, fuzil, cachaça no boteco
 Esse é o campo de concentração moderno
 Hitler, FHC, capitão do mato
 Bacharéis em carnificina, mestrado em holocausto
 Chega de bater palma tomando tiro, facada
 De prato vazio, vendo o boy suar na sauna
 O sistema te quer no viaduto, com água na boca
 Com a garrafa cortada na mão, esperando a Kombi trazer sopa
 Ou no chiqueiro do navio negreiro com seta na porta
 Morto pelo senhor de engenho com farda e pistola
 Que só em cabeça de pobre descarrega sua munição
 Discurso ou revólver, tá na hora da revolução!

[refrão]

Prevejo o mercado saqueado, bala de borracha
 Escudo do Choque tomando pedrada
 Guerra civil em praça pública, socorro!
 Professor com sangue no rosto, mordida de cachorro
 Sem teto, sem terra, sem perspectiva
 Sem estudo, sem emprego, sem comida
 O pavio da dinamite tá aceso
 Qual será o preço pra eu ter os meus direitos?
 Sequestrar, atirar, queimar pneu na avenida
 Invadir a fazenda improdutiva
 Só jogamos ovo, por isso nada mudou
 Quem sabe o presidente na mira do atirador
 Em São Paulo, 35 por dia, chega!
 Tolerância zero ou cavar trincheira
 O serial killer do Planalto continua em ação
 Discurso ou revólver, tá na hora da revolução!

[refrão]

[Eduardo]

A favor do inimigo, repressão e desinformação
 O domínio dos dois caminhos pra revolução
 Caminho um: A voz do povo aqui não é a voz de Deus
 Se tua casa é de caixote de feira, problema seu!
 Tanto faz sua filha no motel ganhando trocado
 Tanto faz seu filho com a 12 matando o vigia no assalto
 Se vier pro asfalto fazer passeata
 Aí o PM te mata, te faz engolir bandeira e faixa
 Caminho dois: Desconhecendo o cenário político
 Onde jogar a granada? Quem é o nosso inimigo?
 Entendeu por que não tem escola pra você?
 Toma a Uzi e me diz: Quem tem que morrer?
 Não adianta ser milhões se não somos um
 Ação coletiva, objetivo comum
 Discurso ou revólver, não interessa a opção
 Sem união é impossível a revolução!

[refrão]

Projeto do CinIME

Após dois anos sem sessões, o CinIME ressurgiu revigorado com ideias novas para trabalhar o potencial desse projeto. Com a proposta de pautar de maneira mais crítica quais, como e onde consumimos entretenimento audiovisual, o CAMat retomará as atividades de cinema no IME como parte de um momento de debate, mas também de lazer. Afinal, cinema e pipoquinha são legais e todo mundo gosta.

O entretenimento audiovisual, no geral, está muito presente na nossa vida e, de certa forma, acaba por guiar os nossos sentimentos e desejos, ao representar caminhos de vazão para pensamentos e sonhos. Contudo, ao limitar o acesso a certo grupo de produções, como o fazem as redes de cinema ao exibirem apenas obras do eixo comercial, temos que o cinema e arte assumem o papel social de informar quais são os desejos permitidos ao povo. Agora, com o pipocar de serviços de streaming, temos um agravamento desse panorama, dado que os serviços possuem mínima, ou nenhuma intersecção de obras e são, em si, limitados. Os anseios capitalistas reduzem o potencial da cultura e, conseqüentemente, atrofiam esses caminhos de vazão dos anseios do povo.

É nesse contexto que o CinIME ressurgiu, se propondo a ser um projeto crítico dessa arte de consumo na lógica do mercado, mas de modo a não cair na armadilha de “cinema bom é só cinema cult”. Portanto, propõe-se a ser um espaço em que possamos experimentar um entretenimento diferente do eixo comercial e no coletivo discutir essas diferenças, sem ressalvas ou academicismos. Enfim, a provocação que lançamos e que embasa a construção do CinIME é: quais horizontes imaginativos o cinema pode proporcionar aos estudantes do IME?

Nesta edição 10 do BoletIME, gostaríamos de agradecer cada um que fez parte escrevendo, enviando ideias, lendo e divulgando. É um marco que celebramos em conjunto, e esperamos que possamos chegar cada vez mais longe!

Contamos, mais uma vez, com a ação de vocês, caros leitores, a construir um jornal dos estudantes, para estudantes; que exponha as nossas vozes do nosso dia-a-dia no IME, na USP ou até mesmo na vida.

Como sempre, do lado temos o QR Code para aqueles interessados em escrever ou enviar qualquer coisa para nós, seja uma charge, um meme, ou uma resposta para algum texto desta edição:

